

Jó Klanovicz *

O livro *Bosques, sociedad y cultura forestal en Galicia* de Xesús Adolfo Lage representa uma obra de referência para pesquisadores interessados em História Ambiental, tanto pelo seu rigor analítico quanto pelo caráter estético que facilita sua leitura. Embora centrado em uma pesquisa sobre a Galícia, o livro do sociólogo Picos sugere uma ligação explícita entre a redefinição social da função da floresta em nível local e o processo universal atualmente marcado pela veneração do espaço florestal como espaço de salvação no contexto da crise ambiental que ora se vive no mundo.

Xesús Picos é professor da Universidade de Vigo e desde a década de 1980 vem estudando os usos florestais na Espanha, práticas que passaram a ser mais publicizadas na medida em que naquele país se tornou o principal fornecedor de madeira para a União Européia.

No primeiro capítulo do livro, intitulado “O bosque como fato social”, o autor se propõe analisar a constituição da floresta galega na época moderna a partir de duas abordagens consideradas complementares no trabalho sociológico e histórico: a) a diferenciação e especialização de usos da floresta e b) as representações sobre o meio ambiente. Essencialmente contundente, esse capítulo oferece novas perspectivas com base em categorias freqüentemente usados nas ciências humanas, como por exemplo a de modernização. Para Picos, essa última categoria não é entendida somente do ponto-de-vista das exclusões sociais ou do conservadorismo que lhe atribuem muitas análises sobre o mundo rural, como é o caso da concepção de modernização conservadora de José Graziano da Silva.¹ Nesse sentido, a modernização é também

* Jó Klanovicz é doutorando em História na Universidade Federal de Santa Catarina.

¹ José Graziano da Silva. *A modernização dolorosa: estrutura agrária fronteira agrícola e trabalhadores rurais no Brasil*, Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

conceituada como favorecedora da gestão dos recursos naturais, já que várias práticas sócio-ambientais com ela também se articulam, tais como a reconstrução de solos, a recuperação de espécies ameaçadas, os usos recreativos e especialmente a emergência de demandas por “espaços naturais”. Segundo o autor, a criação desses espaços “contribui para evocar o encontro com o meio e recompor tradições culturais, paisagens, acolhe práticas lúdicas e desportivas de novos residentes ou visitantes estacionais” (p. 25).

Além da abordagem dos usos, os bosques podem ser analisados através da questão das representações. É nesse sentido que o “bosque é um fato social, porque a sociedade constrói representações suas que guiam nossas percepções, atitudes, opiniões e comportamentos, colaborando com a construção de uma imagem social efetiva, objetiva mas também com dimensões físicas de seus usos” (p. 26).

A abordagem das representações da paisagem (estritamente ligada ao tema dos usos da terra) que vincula Picos aos trabalhos de história ambiental deve ser realizado levando em consideração três níveis de análise, a saber: 1) o nível biogeofísico ou a natureza em si mesma, seus processos biológicos e suas relações ecológicas; 2) o imaginário social que corresponde ao conjunto social de leis, mitos e lendas; e também de normas e padrões sociais de comportamento com relação ao meio; e 3) o nível sócio-econômico que é composto por políticas em sentido amplo, tentativas de controle sobre o meio, práticas agrícolas, instrumentos e utensílios de trabalho.

No segundo capítulo, o autor desloca sua análise dos bosques para os referenciais teóricos necessários para se trabalhar com realidades sociais do que ele conceitua como “sociedades industriais avançadas.” Nesse sentido, as florestas são interpretadas como elementos inseridos na crise da modernidade e a sua análise passa a levar em consideração os atores sociais e os conteúdos culturais da floresta. A partir desse capítulo, Picos volta sua atenção para as lutas e as reivindicações de grupos sociais e dos indivíduos pelo controle dos respectivos ambientes na Galícia.

É a partir desse registro que no terceiro capítulo o autor estabelece uma discussão sobre o referencial histórico das florestas galegas. Com isso, Picos pretende tratar das funções tradicionais da floresta na região e da constituição das atividades agrícolas desde o século XVIII.

No quarto capítulo, Picos explora as características dos usos das florestas na Galicia, detendo-se, em especial, na formação de sistemas agrários e no surgimento da floresta como problema social. Os últimos dois capítulos do livro são dedicados à análise os bosques na Galicia como espaços de extração de madeira que fomentaram a criação de políticas públicas para a expansão de superfícies florestadas.

Como o atual desenvolvimento da Galicia está diretamente associado à extração dos recursos naturais para atender a demanda de madeira na União Européia, o autor traz a opinião pública galega a respeito desse processo. No entender de Picos, aí se encontra o principal espaço de criação e manutenção de uma cultura florestal adaptada à sociedade industrial avançada, já que vários fenômenos, muitas vezes naturais ou inerentes às florestas, terminam por se constituir em verdadeiros problemas sociais, como é o caso dos incêndios florestais.

Em seu livro, Xesús Picos traça uma história do uso dos recursos naturais na Galicia que guarda íntima relação com a preocupação universal ante a escassez desses mesmos recursos. Sua abordagem fornece exemplos, técnicas, métodos e instrumentos que podem auxiliar o historiador especializado no estudo do tema ambiental.

PICOS, Xesús Adolfo Lage. *Bosques, sociedad y cultura forestal en Galicia*. Vigo: Servicio de Publicaciones, Universidade de Vigo, 2003, 262p.

